

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC  
CENTRO DE ENGENHARIA, MODELAGEM E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
BACHARELADO EM PLANEJAMENTO TERRITORIAL

Bárbara Nunes Lopes

**CASA DE CULTURA HIP HOP LESTE: APROXIMAÇÕES ENTRE TERRITÓRIO,  
CULTURA E ESPAÇO PÚBLICO**

São Bernardo do Campo, SP

2022

BÁRBARA NUNES LOPES

CASA DE CULTURA HIP HOP LESTE: APROXIMAÇÕES ENTRE TERRITÓRIO, CULTURA  
E ESPAÇO PÚBLICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Bacharelado em Planejamento Territorial, da Universidade Federal do ABC, como pré-requisito para a obtenção do título de Bacharel em Planejamento Territorial.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Patrícia Maria de Jesus

São Bernardo do Campo

2022

BÁRBARA NUNES LOPES

**Casa de Cultura Hip Hop Leste: Aproximações entre território, cultura e espaço público**

Trabalho de conclusão de curso submetido à banca examinadora designada pela Coordenação do Bacharelado em Planejamento Territorial, da Universidade Federal do ABC como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Planejamento Territorial.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Orientadora**

Patrícia Maria de Jesus  
Universidade Federal do ABC

---

**Membro da banca (1)**

Luciana Xavier de Oliveira  
Universidade Federal do ABC

---

**Membro da banca (2)**

André Pasti  
Universidade Federal do ABC

*“Aí, maloqueiro! Aí, maloqueira!  
Levanta essa cabeça (Vem)  
Enxuga essas lágrimas, certo? (É você memo)  
Respira fundo e volta a correr (Vai)  
'Cê vai sair dessa prisão (Aham)  
'Cê vai atrás desse diploma com a fúria da beleza do sol, entendeu? (É isso)  
Faz isso por nós, faz essa por nós (Vai)  
Te vejo no pódio”*

Emicida - AmarElo

## **AGRADECIMENTOS**

Chegar nesse momento, ao fim da graduação, depois de nove anos desde minha entrada na universidade, ainda que em outro curso e em outra instituição, é uma grande vitória, e acredito que cada pessoa que conheci nessa jornada tenha sido importante para a materialização de quem sou hoje.

Agradeço imensamente aos meus pais, Jacira e Sérgio, que acima de quaisquer pessoas, ensinaram a importância de persistir, de respeitar a si e aos outros, e incentivaram incondicionalmente a mim e a meus irmãos, Ágatha e Sérgio aos quais também agradeço.

Minha admiração àqueles que detém uma das maiores responsabilidades da sociedade, a da educação. Agradeço em nome da minha madrinha, Jocimara, a todas as professoras e professores que compartilharam seus conhecimentos comigo ao longo desse caminho. Especialmente à Prof<sup>a</sup> Patrícia Maria de Jesus, que me orientou neste trabalho de forma atenta e gentil.

Agradeço também às amigas pelo apoio e incentivo, e a todas as pessoas que fizeram parte da minha trajetória profissional de alguma forma, pelos ensinamentos.

Por fim, agradeço à arte e à cultura, que me proporcionam um desenvolvimento pessoal para além do entretenimento, tendo papel essencial na minha formação pessoal e intelectual.

## RESUMO

O presente trabalho analisa as aproximações entre os temas da cultura e do espaço público num território. Para isso, o recorte utilizado foi o território da Cidade Tiradentes, distrito do município de São Paulo, onde se localiza a Casa de Cultura Hip Hop Leste, um equipamento cultural instalado em uma antiga casa de fazenda, considerada um imóvel histórico, um patrimônio para a cidade construído em 1880. A cultura analisada é a do Hip Hop, que nomeia a Casa juntamente à região da cidade em que está localizada, Zona Leste. Com isso, a hipótese defendida é de que o processo de resgate da memória e as disputas territoriais em torno da cultura no município de São Paulo é carregado pela luta e resistência da população periférica e suas inúmeras manifestações, dentre elas, o movimento e cultura do Hip Hop.

**Palavras-chave:** Cultura; Espaço Público; Território; Hip Hop.

## **ABSTRACT**

The present work analyzes the approximations between the themes of culture and public space in a territory. For this, the focus was the territory of Cidade Tiradentes, a district in the municipality of São Paulo, where the Casa de Cultura Hip Hop Leste is located, a cultural facility installed in an old farmhouse, considered a historical property, heritage for the city built in 1880. The Hip Hop culture is analyzed, which names the Casa together with the region of the city where it is located, Zona Leste (East side). With this, the hypothesis defended is that the process of rescue of memory and the territorial disputes around culture in the São Paulo municipality is carried by the struggle and resistance of the peripheral population and its numerous manifestations, among them, the Hip Hop movement and culture.

**Keywords:** Culture; Public place; Territory; Hip hop.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b>	<b>1</b>
<b>2. Desenvolvimento</b>	<b>3</b>
2.1. Contextualizando a Casa de Cultura e o Hip Hop	3
2.1.1. A Casa de Cultura Hip Hop Leste	3
2.1.2. A história do Hip Hop	13
2.2. Território: Cidade Tiradentes	17
2.2.1. Localização e história	17
2.2.2. Dados, equipamentos e serviços públicos	23
2.3. Espaço público: política e resistência	30
2.3.1. Espaço público como espaço político	30
2.3.2. Políticas públicas de cultura: Uma luta coletiva	31
<b>3. Considerações finais</b>	<b>39</b>
<b>4. Bibliografia</b>	<b>42</b>
<b>5. Anexos</b>	<b>45</b>



## 1. Introdução

Nos anos 80 a cidade de São Paulo foi a porta de entrada da cultura do Hip Hop no Brasil, difundida em encontros que aconteciam na saída da estação São Bento do metrô e na Galeria 24 de Maio, quando jovens começaram a descobrir sobre o movimento que estava acontecendo nos Estados Unidos, em Nova York.

Quando o grupo norte-americano Public Enemy, veio ao Brasil em 1984 fazer o primeiro show de Rap, um grande número de pessoas foi impactado com a nova cultura, e assim o Rap começou a se difundir entre as periferias da cidade rapidamente.

As periferias em São Paulo fazem parte da construção da metrópole paulistana, decorrentes dos impulsos econômicos da indústria que se expandiram e concentravam na cidade, e da mão-de-obra proveniente de todas as regiões do país. À essa grande massa populacional que chegou, muitas vezes a única possibilidade de moradia que atendiam suas possibilidades financeiras, eram as periferias.

Cidade Tiradentes se constitui como uma periferia da Zona Leste do município de São Paulo, conhecida por abrigar o maior complexo de Conjuntos Habitacionais da América Latina, e uma população de 235.630 pessoas (2020).

No que diz respeito à cultura do território, no distrito de Cidade Tiradentes, estão localizados quatro equipamentos voltados para a cultura, dentre elas a Casa de Cultura Hip Hop Leste, inaugurada em 2016, abrigada num imóvel histórico, patrimônio público de 142 anos.

Considerando as especificidades da Casa de Cultura Hip Hop Leste, como sua localização no distrito de Cidade Tiradentes, ser um patrimônio público tombado que carrega uma grande história, e carregar em seu nome e em suas atividades a cultura do Hip Hop, o equipamento cultural foi escolhido como objeto de estudo.

A metodologia utilizada para a elaboração deste trabalho quanto à abordagem utilizada, se deu por meio de pesquisas qualitativas e quantitativas, com o objetivo de explorar, descrever e explicar os fenômenos do tema, por meio de procedimentos como pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo, levantamento de dados e análise de entrevistas.

A pesquisa de campo à Casa de Cultura Hip Hop Leste foi realizada em três momentos durante o estudo e desenvolvimento do trabalho, nas datas 02/07, 24/07

e 12/11 de 2022. Foram observados e documentados aspectos como, meio de acesso ao local, arredores e fluxo de pessoas, contato com a organização da Casa, as instalações da Casa e os visitantes.

Logo, visando encontrar as aproximações existentes entre o equipamento cultural Casa de Cultura Hip Hop Leste, a cultura do Hip Hop, o território de Cidade Tiradentes, e de que forma se constitui nesse espaço a política e a resistência, aspectos inerentes à cultura do Hip Hop, o trabalho se desenvolve em três capítulos, “Patrimônio: A Casa de Cultura Hip Hop Leste”, “Território: Cidade Tiradentes” e “Espaço público: política e resistência”.

O primeiro capítulo apresenta a Casa de Cultura Hip Hop Leste a partir de sua constituição, por meio da lei que dispõe sobre Casas de Cultura do município, sua localização, instalações e atividades realizadas, e também a história do Hip Hop, desde seu surgimento no Bronx, Estados Unidos, até sua chegada ao Brasil.

O segundo capítulo discorre sobre o território, o distrito de Cidade Tiradentes, por meio da sua história, localização, o papel dos Conjuntos Habitacionais na região, além de uma apresentação dos dados demográficos, dos equipamentos, serviços públicos e eixos viários mais importantes da região, e análise de indicadores do Mapa da Desigualdade, produzido pela Rede Nossa São Paulo, em 2021.

Finalmente, o terceiro capítulo expõe as políticas públicas de cultura do município de São Paulo, mais especificamente do Programa VAI - Valorização de Iniciativas Culturais, e do Programa de Fomento à Cultura de Periferia, do significado de periferia e do espaço público como espaço político.

## 2. Desenvolvimento

### 2.1. Contextualizando a Casa de Cultura e o Hip Hop

#### 2.1.1. A Casa de Cultura Hip Hop Leste

Segundo o Plano Municipal de Cultura de São Paulo, as primeiras Casas de Cultura foram implantadas na década de 1980. No fim da gestão de Luiza Erundina na Prefeitura de São Paulo (1989-1992) entrou em vigor a Lei nº11.325/1992 que dispõe sobre a criação de casas de cultura sob gestão da Secretaria Municipal de Cultura. Dentre os objetivos estava garantir o acesso da população à cultura, reflexão, debate e crítica, por meio de oficinas culturais, espaços de leitura, cessão de espaço para atividades afins, armazenamento do acervo histórico da região etc.

Em 2003, foram transferidas para a responsabilidade das Subprefeituras<sup>1</sup> e após um período foi novamente retomada à Secretaria Municipal de Cultura a gestão das Casas, por meio do Decreto nº55.547/2014. Essa retomada foi uma demanda prioritária levantada na III Conferência Municipal de Cultura. Neste tempo, as Casas também foram requalificadas por meio de reformas e ações de manutenção e conservação dos imóveis.

Imagem 1: Linha do tempo



Fonte: Autoria própria.

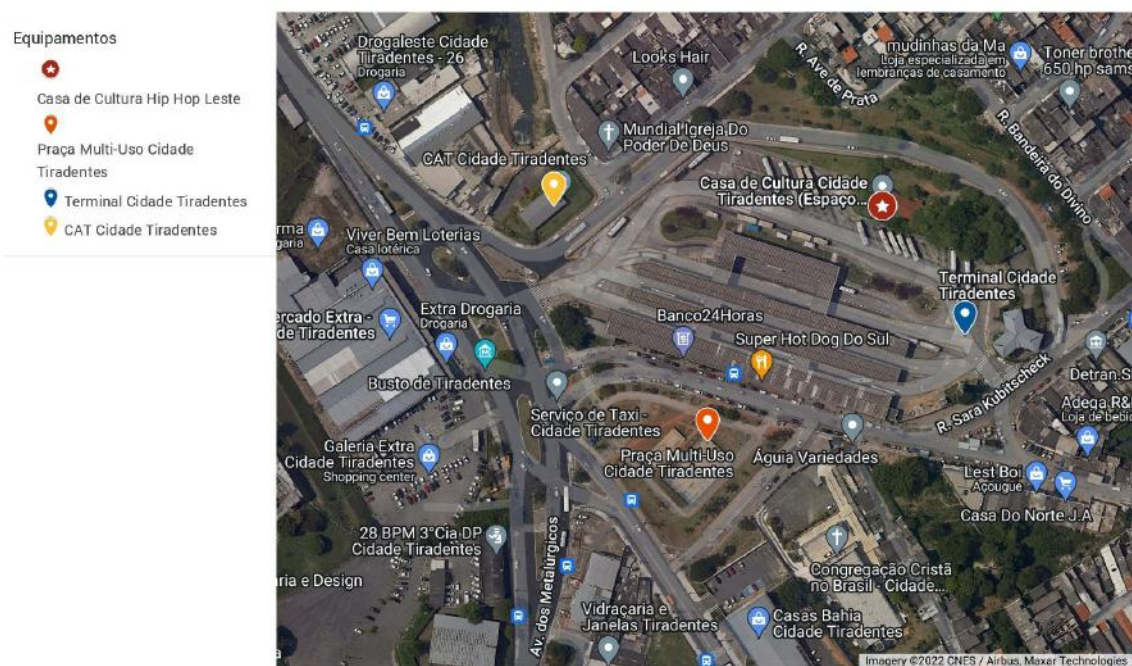
<sup>1</sup> O município de São Paulo é sub administrado por 32 subprefeituras, nível administrativo abaixo da prefeitura e estas administram os 96 distritos da cidade. Por meio da Lei Municipal nº 13.399/2002 foram estabelecidos 31 distritos, e em 2013 a subprefeitura da Vila Prudente foi desmembrada, dando origem à 32ª subprefeitura de Sapopemba. A subprefeitura de Cidade Tiradentes é a única composta de apenas um distrito, de mesmo nome.

Nesse contexto, a Casa de Cultura Hip Hop Leste (CCHHL) foi criada pela Subprefeitura da Cidade Tiradentes, em 2004 a partir da revitalização da antiga sede da Casa da Fazenda, e naquele tempo era conhecida como Espaço Cultural Casa da Fazenda.

Localizada na Rua Sara Kubitscheck, 165 A, a Casa de Cultura Hip Hop Leste é um anexo do principal Terminal de ônibus da região (Terminal Cidade Tiradentes), situada atrás do terminal, ambos inclusive registrados oficialmente no mesmo endereço. Por isso, a localização da Casa de Cultura apresenta uma grande facilidade no acesso, tanto dos moradores na região, quanto dos visitantes que vêm de outras regiões da cidade. O terminal atende a população 24h por dia e conta com 27 linhas de ônibus, sendo 6 delas linhas noturnas.

Muito próximo ao espaço de cultura também está localizada a Praça Multi-uso Cidade Tiradentes. Ao redor da praça e de todo o terminal há um grande movimento de pessoas, de comércios ambulantes e também, de lojas físicas.

**Imagem 2: Localização da Casa de Cultura Hip Hop Leste**



Fonte: Autoria própria (MyMaps)

Conforme observações feitas nas visitas de campo, o local conta com seis instalações, sendo elas:

- A casa principal, que abriga a recepção, administração, cozinha/copa, banheiro e salas para atividades;
- Um anexo de uso restrito aos funcionários, colaboradores e monitores;
- Uma instalação de container para exposições;
- Uma instalação de madeira, com bancos e decorações.
- Uma instalação para shows e apresentações.
- Parque infantil.

**Foto 1: Fachada da Casa principal**



Fonte: Autoria própria. 02/07/2022

**Foto 2: Anexo restrito**



Fonte: Autoria própria. 02/07/2022

**Foto 3: Instalação de container**



Fonte: Autoria própria. 02/07/2022

**Foto 4: Instalação para shows**



Fonte: Autoria própria. 02/07/2022

As fotos acima foram captadas na primeira visita realizada no local, que coincidiu com um evento que apresentou shows dos artistas Gabeu, Romero Ferro e Mel. Além dos shows que ocorrem no local, principalmente aos finais de semana, a Casa oferece uma grande variedade de atividades durante todo seu funcionamento, que ocorre de terça à domingo das 9:00 às 21:00.

Dentre elas estão apresentações de teatro, saraus e exposições, oficinas de capoeira, danças africanas, zumba, técnicas manuais, dança do ventre, Hip Hop, samba rock e ginástica, exibição de filmes pelo Cineclube (Programa da Spcine<sup>2</sup>), workshops; e também é possível realizar atividades individuais ou em grupos mediante reserva de espaço, como reuniões e ensaios.

Em outra visita realizada na CCHHL, estavam sendo comemorados os 6 anos do equipamento, num evento que contou com shows de diversos artistas da cena do Rap, durante dois dias.

---

<sup>2</sup> A Spcine é uma empresa de cinema e audiovisual de São Paulo, iniciativa da Prefeitura de São Paulo com foco no desenvolvimento dos setores de cinema, TV, games e novas mídias.

**Foto 5: Banner do evento “6 anos - Casa de Cultura Hip Hop Leste”**



Fonte: Autoria própria. 12/11/2022

Nesta visita, pôde-se perceber também a instalação de novos equipamentos na Casa, compondo um parque infantil, com casinhas de madeira e brinquedos para as crianças.



**Foto 6: Parque infantil da casa de Cultura Hip Hop Leste**



Fonte: Autoria própria. 12/11/2022

Nos eventos realizados na Casa, percebe-se que o foco das atividades são voltadas para a cultura do Hip Hop, as 12 apresentações realizadas nos dois dias de comemoração foram de artistas e grupos de rap e suas vertentes. Também são oferecidas vivências de Breaking, Graffiti e DJ que acontecem em dias de semana. Fazem parte de um projeto de formação artística chamado “Território Hip Hop”, que fortalece a cultura Hip Hop através da circulação do conhecimento de artistas, em diversos equipamentos culturais de todas as regiões da cidade, formando novos artistas e públicos.

A divulgação dos eventos é feita principalmente através da rede social *Instagram*, as publicações são feitas diariamente, mostrando as atividades que estão acontecendo, os próximos eventos da Casa, os editais culturais, entre outros.

### Imagem 3: Publicações para divulgação das vivências



Fonte: Instagram da Casa de Hip Hop Leste. 01/11/2022

Em 2004, por meio da Resolução de Abertura de Processo de Tombamento nº26/2004 da CONPRESP - Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, a área da antiga sede da Fazenda Santa Etelvina e a casa da senzala, junto ao Terminal de ônibus existente, foi classificada como um imóvel em processo de tombamento, enquadrados ou propostos como ZEPEC pela Lei nº13.884/2004 e não protegidos por legislação de tombamento municipal.

As ZEPEC's são Zonas Especiais de Preservação Cultural, uma classificação do Plano Diretor<sup>3</sup> de São Paulo, que definem porções do território destinadas à preservação e valorização de bens culturais, especificamente:

“Zonas Especiais de Preservação Cultural são porções do território destinadas à **preservação, valorização e salvaguarda dos bens de valor histórico, artístico, arquitetônico, arqueológico e paisagístico**, doravante definidos como patrimônio cultural, podendo se configurar como elementos construídos, edificações e suas respectivas áreas ou lotes; conjuntos arquitetônicos, sítios urbanos ou rurais; sítios arqueológicos, áreas indígenas, espaços públicos; templos religiosos, elementos paisagísticos; conjuntos urbanos, espaços e estruturas que dão suporte ao patrimônio imaterial e/ou a usos de valor socialmente atribuído.” (SMUL. *Grifos meus*)

Tal classificação restringe a transformação dos imóveis, logo, por mais que a casa tenha uma facilidade de acesso por conta da sua proximidade com o terminal, ela não possui uma identificação visual onde seja facilmente reconhecida como uma

<sup>3</sup> Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo (PDE, Lei Nº16.050/2014).

Casa de Cultura, ou até mesmo relacionado com a cultura do Hip Hop, uma vez que sua fachada não pode ser modificada. Considerando o *Graffiti* na cultura do Hip Hop, muitas vezes equipamentos e locais voltados para essa cultura, são identificados por meio dessa arte em suas fachadas, e por conta desse processo de tombamento, o mesmo não acontece na Casa de Cultura Hip Hop Leste.

No entanto, percebe-se que outras estratégias foram utilizadas para garantir tal identificação, por meio de cartazes, banners, *grafitti's* no gradil que contorna o Terminal e a Casa, e no interior da Casa, como apresentado nas fotos abaixo:

**Foto 7: Interior da Casa de Cultura Hip Hop Leste**



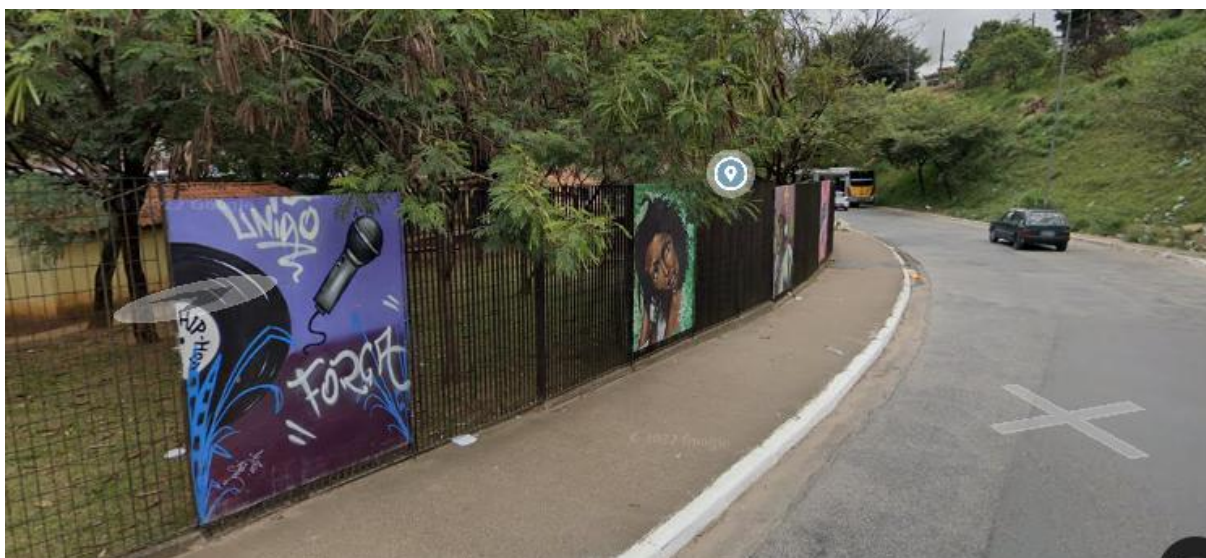
Fonte: Autoria própria. 02/07/2022

Foto 8: Banner da Casa da Cultura Hip Hop Leste<sup>4</sup>



Fonte: Autoria própria. 02/07/2022

Imagem 4: Gradil externo à Casa de cultura Hip Hop Leste



Fonte: Google Maps. 2022.

<sup>4</sup> O texto do banner consta no Anexo 2.

Na foto acima, pode-se observar também, que para além da limitação que a proximidade com o Terminal trás, criando uma espécie de impedimento visual, ainda há outra barreira na calçada oposta ao equipamento cultural, ocupada por um declive que impede a construção de qualquer tipo de mobiliário urbano ou imóvel.

No entanto, por mais que a Casa de Cultura Hip Hop Leste (e seus arredores) apresente tais limitações, principalmente por conta da restrição de sua transformação por conta do processo de tombamento, foram encontradas outras maneiras de garantir sua identificação, como por exemplo os *Graffiti's* no gradil que permitem que a identificação seja feita mesmo antes de entrar no equipamento, e pelo Banner na entrada da Casa que possibilita que os visitantes conheçam um pouco da história do distrito e da Casa, que será explorada no próximo capítulo.

Retomo ainda que tal identificação também é feita através dos eventos e atividades que ocorrem na Casa, que não se restringe a, mas são voltados principalmente para a manifestação da cultura do Hip Hop, que será explorada no subcapítulo a seguir.

### **2.1.2. A história do Hip Hop**

Um ponto crucial sobre a Casa de Cultura Hip Hop Leste é justamente o fato de ser nomeado pela cultura do Hip Hop, uma vez que a maioria das outras Casas têm em seus nomes apenas o nome do bairro/distrito, como antes era chamada “Casa de Cultura Cidade Tiradentes”. Como dito anteriormente, o equipamento criado em 2004 foi inaugurado com o nome “Espaço Cultural Casa da Fazenda”, depois passou a ser reconhecido por “Casa de Cultura Cidade Tiradentes” e em 2016, como hoje é conhecida, “Casa de Cultura Hip Hop Leste”.

Logo, é importante entender sobre a cultura do Hip Hop e o que ela significa para aquele território. O artigo “*Hip Hop: Cultura, arte e movimento no espaço da sociedade contemporânea*” nos revela que:

“O Hip Hop é uma estratégia de sobrevivência da cultura popular, é uma forma de visibilidade de grupos de excluídos das possibilidades. É uma ação política que acontece a partir do corpo que dança, desenha, pensa, fala, reflete, sobre os problemas que reverberam nas estruturas sociais em que estes corpos co-habitam.” (CAZÉ, OLIVEIRA. 2008)

Além disso, o Hip Hop e as demais manifestações populares da cultura negra desenvolvem um papel essencial dentro de comunidades pobres e periféricas. Isso se prova a partir da motivação da primeira festa de Hip Hop, que aconteceu nos Estados Unidos, em 1973, que teve como objetivo arrecadar fundos para a compra de material escolar para as crianças. (LIMA, MONTSHO. 2020)

O movimento, acima de tudo, é uma contestação, teve início no bairro do Bronx, gueto de Nova Iorque, local que na época era tomado por brigas entre gangues. Surgiu da junção de 4 movimentos artísticos, que são: o *Break*, que representa o corpo na dança; o *Rap* ligado ao ritmo e poesia (designa justamente da expressão em inglês *Rhythm And Poetry*, em português, Ritmo e Poesia), entendido como a expressão musical-verbal da cultura Hip Hop; o *Graffiti*, a expressão da arte e meio de comunicação; e o *DJ* (Disc-jockey), responsável pela música que serve de base para o MC cantar. Após um tempo, também foi incorporado um quinto elemento, o *MC* (Mestre de Cerimônia), considerado a consciência do movimento, uma vez que exerce as atividades de apresentar um evento e entreter o público.

Através destes 5 elementos, Afrika Bambaataa<sup>5</sup> nomeou o movimento como “Hip Hop”, deu bases técnicas e artísticas, e assim, formou uma nova cultura. Além disso, ele também foi o fundador da *Zulu Nation*, organização que tinha como finalidade evitar as brigas entre gangues e incentivar o envolvimento dos jovens americanos com a cultura.

A data 11 de agosto de 1973 ficou conhecida como o surgimento do Hip Hop, por conta desta festa organizada pelo DJ Kool Herc e Cindy Campbell. Naquela noite o DJ jamaicano Coke La Rock, rimou em cima das batidas do DJ Kool Herc para animar o público, e nisso surgiu o Rap. Coke é considerado o primeiro mestre de cerimônia na história do Hip Hop.

O evento foi protagonizado pela Cindy Campbell, que idealizou, produziu e cobrou uma entrada a preço popular (\$0,25 para mulheres e \$0,50 para os homens), reunindo MC's, DJ's, *B.Boys*, *B.Girls* (o “B” vem de *Break*, logo as pessoas que dançam *break* são conhecidas por Break Boys e Break Girls) e Grafiteiros, e com esse marco histórico, Cindy passa a ser conhecida como “a irmã” do DJ Kool Herc, e juntos foram precursores da cultura do Hip Hop.

---

<sup>5</sup> Afrika Bambaataa, nome artístico de Lance Taylor é um DJ, cantor, compositor, produtor e ativista estadunidense conhecido por ser líder da banda Zulu Nation.

Após este evento, vários outros surgiram, organizados por Grandmaster Flash e Afrika Bambaataa, grandes nomes que contribuíram e propagaram a cultura pelos guetos de Nova Iorque, levando o Hip Hop do Bronx para o mundo.

No Brasil, o Hip Hop se popularizou de maneira distinta e independente do modelo norte-americano, através da incorporação de características nacionais e locais, visto que as questões sociais entre os países são diferentes.

No documentário “*Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo*”, estreado em novembro de 2022, com produção de Preta Portê Filmes para a Netflix, Mano Brown, um dos quatro integrantes do grupo Racionais MC’s, grande nome do rap brasileiro, discorre sobre essa diferença da vivência brasileira com a americana, quando fala sobre o sucesso da música “Homem na Estrada”:

“Aí consegui entrar no coração do brasileiro, entendeu? Na alma do brasileiro. Como você vai falar de negro e branco, pobre e rico pra um brasileiro? Ele não é do Bronx. Ele não nasceu com o banheiro escrito “não entra preto, não entra branco”, entendeu? É outra visão, outra sensibilidade, tá ligado?” (BROWN, 2022)

Aqui, a cultura do Hip Hop foi sendo desenvolvida nos anos 80, na periferia e no centro de São Paulo, especialmente na Galeria 24 de Maio e posteriormente na parte externa da estação São Bento do Metrô, local que é considerado o berço e referência da cultura Hip Hop no Brasil. (LOURENÇO, 2010)

Segundo Luana Rabetti, historiadora, escritora, rapper, produtora cultural, dentre outras facetas, esses encontros aconteciam da seguinte forma:

“Nesta época, a comunicação se dava por meio de cartas, matérias de jornal impresso e fanzines, este último foi a principal fonte de troca de informações sobre essa cultura que começava a ocorrer em diversos estados no Brasil. Com o tempo, a estação São Bento se tornou ponto de referência para organizações de Festivais ocorrendo campeonatos e mostra de Breaking, apresentações de grupos de rap com a presença de Mestres de Cerimônias que animavam o evento, DJs e grafiteiros que também ilustravam jaquetas e calças jeans para Crews. A São Bento, na década de 80 trouxe homens e mulheres que se deslocavam de suas cidades/estados para participarem desses encontros e festivais em São Paulo [...]” (RABETTI, 2022)

Sobre a relação dos artistas do movimento e os espaços que ocupam, a psicóloga Mariane Lourenço trás uma perspectiva interessante em seu artigo *“Arte, cultura e política: O movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos”* sobre as características do movimento social de contestação e resistência, e do entrelaçamento entre cultura, arte e política.

O Hip Hop se apropria dos espaços públicos, como ruas, praças e parques, e no Brasil começou assim, através da utilização dos espaços públicos do centro de São Paulo na sua disseminação. Hoje, está presente em cada canto da cidade, e essa ocupação reinterpreta a própria trajetória dos atores desse movimento, uma vez que é retratado em suas artes (dança, música, grafitti) a experiência da vida urbana.

Neste sentido, se designa um lugar intermediário entre o público e o privado, o desejo dos atores é reivindicar territórios, transformar ambientes, marcar e registrar a sua presença nesses espaços, e dar voz às contradições do espaço público urbano, como demonstra a autora:

“O Hip Hop como "cultura de rua", engloba ações comunitárias e questões políticas; promove o encontro dos jovens para a formação de grupos não apenas artísticos, mas, políticos, em que podem atuar discutindo questões sociais e políticas. O Movimento se constitui assim como uma possibilidade de intervenção político-cultural construída na periferia, que promove, atuando na esfera cultural, formas não tradicionais de se fazer política.” (LOURENÇO, 2010)

Esses encontros são importantes do ponto de vista cultural, mas também do ponto de vista político, uma vez que essas manifestações artísticas inserem esses atores na sociedade, e a arte ganha sentido político, já que esta busca intervir e criticar a vida pública e a cidade. Como citado por Elaine Andrade (199, p.89) o "Hip Hop sendo um movimento social, permite aos jovens desenvolver uma educação política e, conseqüentemente, o exercício do direito à cidadania".

A atuação pública garante visibilidade, e a partir disso se constitui um novo *locus* público, e através dos cinco elementos do Hip Hop se dissemina o discurso, as reivindicações, as insatisfações e a realidade daqueles artistas, abrindo caminhos para a participação na esfera da vida pública.



Logo, se trata de um instrumento político de uma juventude excluída, que surgiu da falta de acesso a outras artes e meios de diversão como clubes, teatros e cinemas. Os atores do movimento deixam de ser excluídos sociais e se tornam protagonistas da sua própria cena urbana, mostrando sua arte e utilizando a cidade em diferentes aspectos, contribuindo para a formação de grupos políticos, não apenas artísticos.

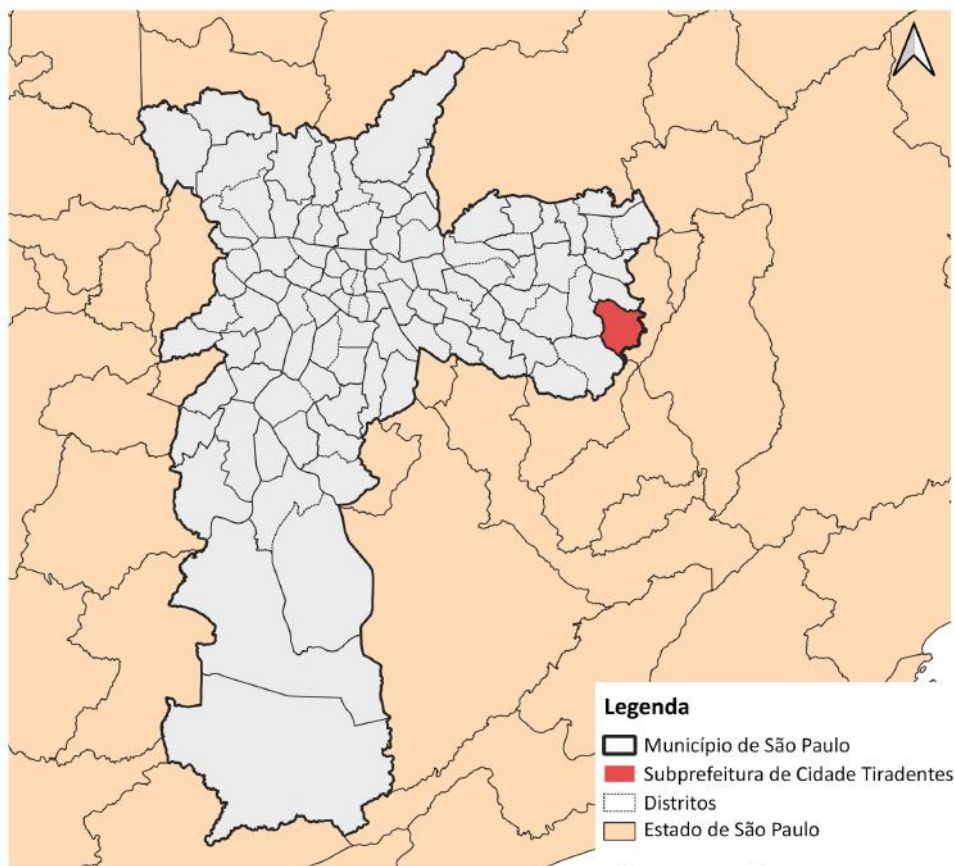
Deste modo, a cultura do Hip Hop dialoga diretamente com a população, principalmente com os jovens, por meio de manifestações artísticas que intrinsecamente carregam reivindicações políticas. Para aprofundar esse tema, serão abordados no último capítulo os temas de política e resistência, a partir da análise de políticas públicas voltadas para a cultura no município de São Paulo, do espaço público como espaço político, e das lutas coletivas no território.

Mas antes, se faz necessário o entendimento da história do distrito/subprefeitura de Cidade Tiradentes, território em que se insere a Casa de Cultura Hip Hop Leste, que será discutida no capítulo seguinte.

## **2.2. Território: Cidade Tiradentes**

### **2.2.1. Localização e história**

**Mapa 1: Localização da Cidade Tiradentes no município de São Paulo**



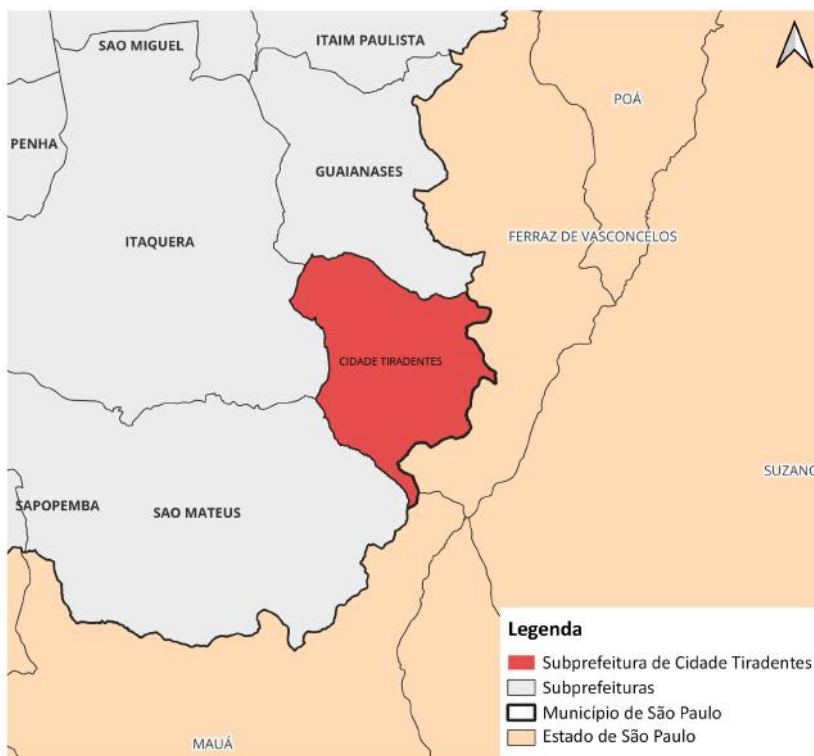
Elaboração própria. Fonte: GeoSampa.

Cidade Tiradentes fica localizada no extremo leste do município de São Paulo, dista mais ou menos 30 quilômetros do “marco zero” da cidade, na Praça da Sé. O distrito coincide com a área da subprefeitura de mesmo nome, que faz divisa com os municípios metropolitanos de Ferraz de Vasconcelos e Mauá. Concentrando mais de 40 mil unidades habitacionais, é conhecida por abrigar o maior complexo de conjuntos habitacionais da América Latina, construídos em sua maioria na década de 1980 pela Cohab - Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo e pela CDHU - Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano do Estado de São Paulo.

Os conjuntos habitacionais fazem parte da chamada “Cidade Formal” da Cidade Tiradentes, composta por cerca de 160 mil pessoas, mas há também cerca de 60 mil pessoas que compõem a “Cidade Informal”, caracterizada por habitações em loteamentos clandestinos e irregulares, favelas, ou instaladas em áreas privadas. Essas áreas ocupadas são lacunas deixadas na construção dos prédios dos

conjuntos habitacionais (SUBPREFEITURA DE CIDADE TIRADENTES. 2022), que indicam uma parcela dos graves problemas sociais que ocorrem nesse território.

**Mapa 2: Localização de Cidade Tiradentes na Zona Leste do município**



Elaboração própria. Fonte: GeoSampa.

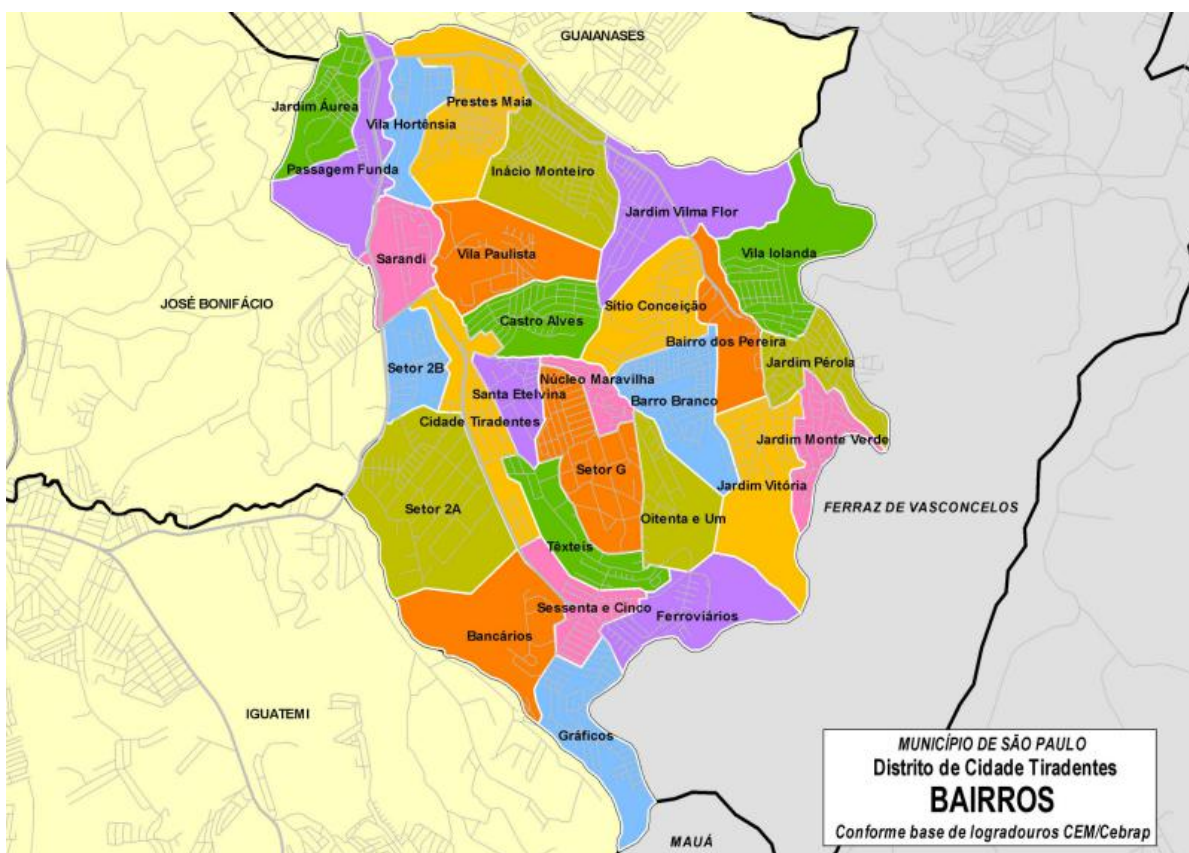
O bairro foi planejado e desenvolvido como uma cidade-dormitório, ou seja, local monofuncional que concentra uma grande quantidade de habitações, mas que não oferecem (ou oferecem poucas) opções de transporte, serviços e equipamentos públicos, lazer e economia local.

Atualmente, os bairros pertencentes ao distrito são Fazenda do Carmo, Vila Hortência, Prestes Maia, Inácio Monteiro, Vilma Flor, Sítio Paiolzinho, Vila Yolanda, Dom Angélico, Sítio Conceição, Castro Alves, Vila Paulista, Santa Etelvina II B, Jardim Souza Ramos, Jardim Maravilha, Barro Branco, Jd. Pérola, Jd. Vitória, Jd. 3 Poderes, Santa Etelvina I A, Santa Etelvina VII A (Setor G), Santa Etelvina II A, Santa Etelvina III A, Santa Etelvina IV, Morro Disso e Gráficos (SUBPREFEITURA DE CIDADE TIRADENTES. 2022), sendo que a Casa de Cultura estudada está localizada no bairro Castro Alves.

No entanto, sobre essas divisões, o geógrafo José Donizete Cazzolato fez um estudo sobre os “*Logradouros e Bairros em Cidade Tiradentes*”, em 2008, onde

destaca que a sistematização territorial dos bairros de São Paulo permanece “livre”, por nunca ter sido objeto de gestão específica por parte do município, logo suas denominações dependem do uso e da separação da própria população. Nota-se inclusive, que os bairros definidos pelo autor são diferentes daqueles descritos acima, retirados do Histórico do distrito de Cidade Tiradentes no site da Prefeitura da Cidade de São Paulo. Segue o mapa resultante da pesquisa do autor em 2008:

**Mapa 3: Bairros da Cidade Tiradentes - 2008**



Autor: José Donizete Cazzolato. 2008

Neste mesmo estudo é possível observar que alguns nomes dos bairros de Cidade Tiradentes advêm dos conjuntos habitacionais existentes, como por exemplo Barro Branco, Castro Alves, Inácio Monteiro e Prestes Maia, outros utilizam o nome de Etelvina, nome da esposa do Coronel Rodovalho que será exposto a seguir.

Parte do conhecimento que se têm hoje sobre a história do distrito, se deu por conta do trabalho e estudo de Márcio Reis, professor e historiador residente do bairro, que através de antigas documentações, como por exemplo, relatos de jornais, revela aspectos da Zona Leste e da periferia da cidade como um todo, que

até então eram ignorados pela grande história. O conhecimento a seguir foi baseado em suas obras, a monografia do seu curso de História “Formação do Bairro Cidade Tiradentes”, e de seus vídeos em seu canal do *youtube* “Historiador Márcio Reis”, além de podcasts que participou e compartilhou seus conhecimentos.

Sendo assim, Márcio evidencia que a história de Cidade Tiradentes está relacionada com o proprietário da antiga Fazenda Santa Etelvina, que ocupava parte do local que hoje é o território de Cidade Tiradentes.

Coronel Antônio Prost Rodovalho, nascido em 27 de janeiro de 1838, em São Paulo, filho de comerciante, desde cedo trabalhou neste meio, tornando-se, posteriormente, um grande empresário e político da cidade de São Paulo. Teve participações nas companhias de estrada de ferro, de energia e de água, foi também pioneiro na construção de fábricas e um dos primeiros a inaugurar uma indústria de fabricação de papel na capital paulista, que contou com mais de 200 operários e utilização de energia elétrica. O empresário teve grande participação no Banco do Estado de São Paulo e atuou como acionista de muitos bancos da cidade, atuou como vereador e presidente da Câmara Municipal de São Paulo, além de ter sido nomeado diversas vezes para cargos importantes (REIS, SIQUEIRA. 2014)

Em 1890, foi cedido ao Coronel a concessão para ser o emissor de terras devolutas na cidade de São Paulo, e através do Banco União de São Paulo, a concessão foi feita pelo governo, inclusive a isenção de impostos para estabelecimentos industriais e a autorização de colonização de áreas e abertura de estradas e produção de materiais de construção.

Com isso, Rodovalho adquire muitas terras e grandes fazendas, aumentando ainda mais seu patrimônio na cidade, incluindo locais onde hoje se encontram o bairro da Penha, Ipiranga e na Cidade Tiradentes, por meio da aquisição da Fazenda Santa Etelvina. Ele esteve à frente da fazenda até 1900, onde operavam indústrias e construiu, inclusive, um ramal ferroviário para escoar as produções.

Com a crise da década de 1930, algumas de suas empresas entraram em falência e ele passou a se dedicar mais à indústria e investimentos na compra de terrenos, formando também uma companhia com seu filho mais novo e demais empresários, chamada *Companhia Industrial Rodovalho*. A partir disso passa a dar mais atenção às suas fazendas.

Segundo o site da Prefeitura de São Paulo, os primeiros loteamentos na região de Lajeado (distrito de Guaianases, à norte da Cidade Tiradentes), em 1926,

e com isso a Fazenda Santa Etelvina é loteada, e a extensa fazenda foi paulatinamente perdendo seu terreno e a mata nativa por conta do parcelamento de suas terras.

Na década de 1970, se iniciou o processo de aquisição de uma gleba de 15km<sup>2</sup> de terras situada na região, a Fazenda Santa Etelvina, uma área composta por Mata Atlântica, eucaliptos, lagos e córregos, e que passou a ser utilizada por conjuntos habitacionais da Cohab.

Em 1984, com a construção do Conjunto Habitacional Cidade Tiradentes, parte da antiga sede da fazenda foi destruída para dar lugar ao Terminal de Ônibus de Cidade Tiradentes, mas restou a Casa da Fazenda, construída em 1880, hoje conhecida como Casa de Cultura Hip Hop Leste.

**Foto 9: Vista aérea da Cidade Tiradentes em 1980**



Fonte: São Paulo in Foco

Os grandes conjuntos habitacionais de Cidade Tiradentes são: Santa Etelvina, Castro Alves ou Barro Branco, e Inácio Monteiro, e três menores: Prestes Maia, Jardim dos Ipês e Sítio Conceição.

“As chácaras que serviam como casas de fim-de-semana para quem habitava no centro da cidade foram sendo gradativamente abandonadas, por

conta da impossibilidade de sua reprodução como chácaras de veraneio ou de produção de frutas e hortaliças. O urbano se anunciava pouco a pouco, e os conjuntos habitacionais também indicavam a materialização de um projeto de “ocupar e desenvolver” a Zona Leste de São Paulo, como um eixo de desenvolvimento urbano, aproveitando a possível conurbação São Paulo – Rio de Janeiro. O chamado “planejamento clássico”, em alta no Brasil da década de 1970, elegia os subúrbios orientais da metrópole como o grande celeiro de presentes e futuros conjuntos habitacionais”. (SILVA, 2009)

Em meados da década de 1980, com a produção dos conjuntos Santa Etelvina e Barro Branco, se iniciou um longo período de luta para os moradores da Cidade Tiradentes (CT). A infraestrutura necessária para a população foi chegando de forma tardia, obrigando os moradores a lutarem pelas melhorias que chegavam aos poucos.

Ao contrário de outras regiões mais “privilegiadas” no que diz respeito à infraestrutura e acesso à equipamentos e serviços, ainda após os anos 2000, a implantação de serviços e equipamentos básicos (como o Hospital Cidade Tiradentes, e o Centro de Educação Unificado (CEU) Água Azul em 2007, e até mesmo a CCHHL, em 2004) são reconhecidas como transformações positivas pela população. Comparativamente ao passo das melhorias da cidade de São Paulo como um todo, outras lutas que não o acesso à equipamentos básicos deveriam estar acontecendo.

### **2.2.2. Dados, equipamentos e serviços públicos**

O distrito/subprefeitura de Cidade Tiradentes possui uma área de 15km<sup>2</sup>, uma população de 235.630 (2020) e densidade demográfica de 15.708 habitantes por km<sup>2</sup>.

O Mapa da Desigualdade de 2021, realizado pela Rede Nossa São Paulo, traz dados que retratam a realidade dos distritos da capital paulista, através de indicadores dos temas população, meio ambiente, mobilidade, direitos humanos, habitação, saúde, educação, cultura, trabalho e renda, esporte, e infraestrutura.

O dado mais alarmante sobre o distrito da Cidade Tiradentes diz respeito à média de idade com que as pessoas morrem, de acordo com o local de residência.

A média da cidade é de 68,2 anos, o distrito em que as pessoas vivem mais é o Alto de Pinheiros, com média de 80,9 anos, e Cidade Tiradentes apresenta a média mais baixa de todos os 96 distritos, de 58,3 anos.

Ainda no tema da saúde, outro indicador que a Cidade Tiradentes apresenta uma baixa posição é “Gravidez na adolescência”, calculada através da proporção de nascidos vivos cujas mães tinham 19 anos ou menos, em relação ao total de nascidos vivos, por distrito. Com uma porcentagem de 13,05%, Cidade Tiradentes se encontra abaixo apenas do distrito de Marsilac (15,74%). A média de São Paulo é de 9,2%.

No tema população, Cidade Tiradentes apresenta uma proporção da população preta e parda de 56,1%, sendo o quinto com maior porcentagem, e muito acima da média de São Paulo que é de 37%. Além disso, o distrito apresenta a segunda maior proporção de população jovem (0 a 29 anos), com 49,1%, ficando abaixo apenas de Parelheiros.

Sobre trabalho e renda, a taxa de oferta de emprego formal, por dez habitantes participantes da população em idade ativa (PIA) no distrito é de 0,8, e a média de São Paulo é de 5. Este dado explicita de forma flagrante um déficit na oferta de empregos no distrito.

No tema Cultura, Cidade Tiradentes aparece em 10º na proporção de equipamentos públicos de cultura para cada cem mil habitantes, apresentando um valor de 5,1, e a média de São Paulo é 2. Também se destaca no quesito de proporção de centros culturais, espaços e casas de cultura para cada dez mil habitantes, apresentando um valor de 0,9. Neste indicador, 70 distritos apresentam um valor igual a 0, e a média é de 0,3, sendo assim, Cidade Tiradentes se destaca junto aos demais 25 distritos que contam com pelo menos um Centro Cultural ou Casa e Espaços de Cultura.

Dentre os indicadores do Mapa da Desigualdade (com exceção dos temas de População e Meio Ambiente) o distrito de Cidade Tiradentes aparece 14 vezes nas últimas 10 colocações, ou seja, quantidade de vezes em que o distrito apareceu em baixas colocações nos indicadores.



Segundo GeoSampa, o distrito de Cidade Tiradentes consta com 10 equipamentos culturais, sendo eles: 3 pontos de leitura, 3 CEUs<sup>6</sup> e 4 Centros Culturais, Casas de Cultura, Espaços Culturais, conforme tabela e mapa abaixo:

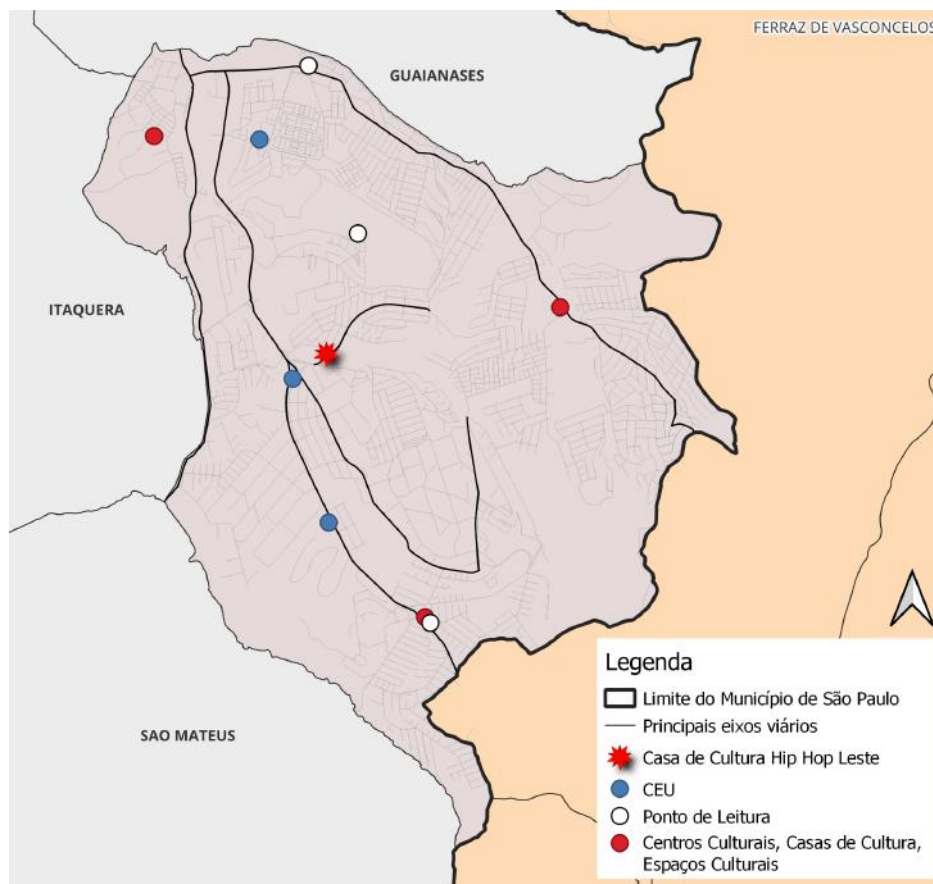
**Tabela 1: Equipamentos Culturais do distrito de Cidade Tiradentes**

<b>Categoria</b>	<b>Espaço</b>
Ponto de Leitura	Ponto de Leitura André Vital
Ponto de Leitura	Ponto de Leitura Parque do Rodeio
Ponto de Leitura	Ponto de Leitura Juscelino Kubitschek
CEU	CEU Água Azul
CEU	CEU Barro Branco
CEU	CEU Inácio Monteiro
Centros Culturais, Casas de Cultura, Espaços Culturais	Fábrica de Cultura de Cidade de Tiradentes
Centros Culturais, Casas de Cultura, Espaços Culturais	Centro de Formação Cultural da Cidade de Tiradentes
Centros Culturais, Casas de Cultura, Espaços Culturais	Instituto Cultural Arte em Construção - Instituto Pombas Urbanas
Centros Culturais, Casas de Cultura, Espaços Culturais	Casa de Cultura Hip Hop Leste

Fonte: GeoSampa

<sup>6</sup> Os Centros Educacionais Unificados são equipamentos públicos voltados à educação criados pela Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e localizados nas áreas periféricas da Grande São Paulo, no Brasil. Foram concebidos pelo EDIF - Departamento de Edificações/PMSP como um centro local da vida urbana.

**Mapa 4: Principais equipamentos culturais da Cidade Tiradentes**



Elaboração própria. Fonte: GeoSampa.

Além destes equipamentos culturais, o distrito conta com outros equipamentos públicos de relevância, como o Terminal de Ônibus de Cidade Tiradentes, o 54º Distrito Policial, o Posto de Bombeiros, o Batalhão da Polícia Militar 3ª Cia DP, a ETEC de Cidade Tiradentes, a Subprefeitura, o Hospital Cidade Tiradentes, o Parque da Consciência Negra (que fica ao lado do antigo Terminal de Ônibus), o Parque Vila do Rodeio e o Parque da Ciência, além de recém inaugurado pólo comercial, que atualmente ainda está na fase de finalização das obras, apenas com o hipermercado inaugurado oficialmente, mas que segundo a Prefeitura de São Paulo, o pólo contará com um Shopping Center, parque com área verde, centro universitário, lojas de grandes redes comerciais, sede própria da Prefeitura Regional e outros equipamentos públicos.

O objetivo do empreendimento é fortalecer o desenvolvimento local, com expectativa de geração de 4 mil postos de trabalho, além de permitir um acesso maior e facilitado a equipamentos e serviços públicos, comércio e lazer. O terreno

pertencente à COHAB foi avaliado em R\$73 milhões, com 632 mil m<sup>2</sup>, foi vendido pela Prefeitura com a contrapartida de que o comprador deveria assumir o compromisso de construir centros comerciais e de serviço no local<sup>7</sup>. (Subprefeitura Cidade Tiradentes, 2015)

Foto 10: Planta do Shopping Cidade Tiradentes



Fonte: Matheus Gastão. 17/11/2022

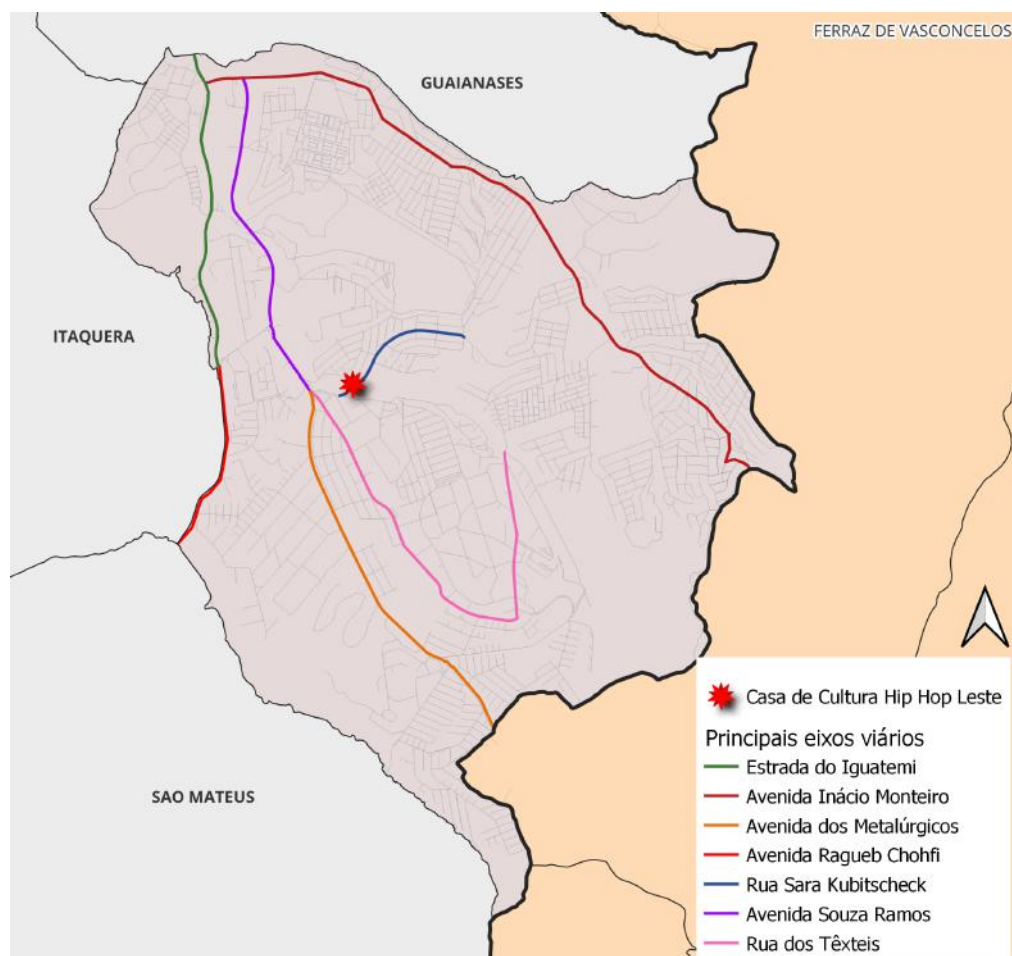
<sup>7</sup> De acordo com informações obtidas em <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade\\_tiradentes/noticias/?p=57946](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_tiradentes/noticias/?p=57946)>. Acesso em Novembro/22.

Foto 11: Pólo comercial em fase de obras



Fonte: Patricia M<sup>a</sup> de Jesus. 10/09/2022

Mapa 6: Principais eixos viários de Cidade Tiradentes



Fonte: Autoria própria. 2022.

No distrito da Cidade Tiradentes os principais eixos viários são: a Avenida Souza Ramos, a Rua Sara Kubitschek (onde está localizada a CCHHL), a Rua dos Têxteis, a Estrada do Iguatemi, que conecta com as Regiões de São Mateus, Itaquera e Guaianases, a Avenida dos Metalúrgicos, que fica na área central do distrito, onde se concentram os serviços públicos e comerciais, e promove o deslocamento interno, a Avenida Inácio Monteiro que permite acesso à parte mais leste do distrito levando à Ferraz de Vasconcelos, e a Avenida Ragueb Chohfi, avenida responsável pelo fluxo de entrada e saída para o bairro.

Em 1997, foi proposto um projeto do Expresso Tiradentes, ou “Fura-Fila”, com um percurso total de 32 quilômetros de extensão, ligando Cidade Tiradentes ao centro da cidade (Terminal Parque D. Pedro), o primeiro trecho foi entregue em março de 2007, conectando o centro até o Sacomã, e posteriormente até o Terminal Vila Prudente.

A conclusão do projeto foi substituída pelo mon trilho da Linha 15 - Prata do Metrô, que conecta a estação Vila Prudente do Metrô até a estação São Mateus. O projeto final se estende até o Hospital Cidade Tiradentes, conforme imagem:

**Imagem 5: Projeto final da Linha Prata-15 do Metrô de São Paulo**



Fonte: Metrô CPTM.

Considerando as obras que estão sendo desenvolvidas na Cidade Tiradentes, como o mon trilho e o pólo comercial aqui citados, é possível perceber que as políticas e obras públicas do distrito estão voltadas para a melhoria no acesso e mobilidade, incentivo às atividades comerciais e oferta de emprego. Tais diretrizes vão ao encontro do Caderno de Propostas da Subprefeitura de Cidade Tiradentes que será detalhado no próximo capítulo.

## **2.3. Espaço público: política e resistência**

### **2.3.1. Espaço público como espaço político**

A Casa de Cultura Hip Hop Leste funciona no que restou do período escravocrata no distrito de Cidade Tiradentes, o que hoje é um espaço cultural, já foi a casa grande dos senhores da fazenda que deu origem ao bairro. Por esse motivo, e por toda a história de luta que esse território carrega, é necessário uma atenção no fazer político deste local.

A começar pelo conceito de espaço público, tem-se que:

“O espaço público é considerado como aquele espaço que, dentro do território urbano tradicional (especialmente nas cidades capitalistas, onde a presença do privado é predominante), sendo de uso comum e posse coletiva, pertence ao poder público.” (NARCISO, 2009)

As bibliografias atuais estão em constante debate sobre esse conceito, e para além disso, se o espaço público tem em si mesmo um espaço de ação política espontâneo. No entanto, é evidente que o espaço público é uma condição para o surgimento do espaço político. (NARCISO, 2009)

Iná Castro, em seu artigo *“Espaços públicos como espaços políticos: o que isso quer dizer?”* defende que espaços públicos são espaços do cotidiano, da sociabilidade e não possuem qualquer essência política, mas quando invadidos por fenômenos políticos, são passíveis de se tornarem e transformam temporariamente sua natureza de local de encontro.

Entendendo que as casas de cultura são pontos de encontros culturais e sociais, que proporcionam reflexões, lazer, aprendizado, experimentações, trocas e sociabilidade, pode-se considerar que além de equipamentos públicos, são espaços públicos, mas por si só, estas Casas de Cultura, têm em si um ímpeto político?

Ainda buscando definições de que tipo de espaço e quais são as características das Casas de Cultura e, em particular, da Casa de Cultura Hip Hop Leste, outros autores das ciências sociais buscaram classificar os espaços políticos, estabelecendo uma tipologia de categorias básicas de espaços políticos, sendo eles: exclusivos, limitados e abertos, tendo em vista o caráter da verticalidade essencial da ação política de cada um.

Os exclusivos são aqueles construídos e organizados essencialmente para o debate e a deliberação política, como os Parlamentos, Assembléias e Câmaras Legislativas. Os limitados são aqueles institucionalizados e facultados por normas de participação, representam interesses particulares nas sociedades, como conselhos, fóruns temáticos e associações. E os espaços políticos abertos são aqueles expressos nas ruas e praças, lugares do cotidiano social, onde as demandas, conflitos e ações evidenciam o caráter político dos mesmos. (CORNWALL apud CASTRO, 2018)

A partir das categorias colocadas, entende-se que a CCHHL é um espaço político aberto, e ainda sobre suas características:

“Estes são espaços de ação abertos a toda a sociedade, qualidade intrínseca aos espaços escolhidos para manifestações, protestos, passeatas, ocupações e tudo mais que a imaginação dos ativistas sociais decidir criar para alcançar seus objetivos políticos. Nunca é demais lembrar que quanto mais livres, numerosos e reconhecidos pela sociedade esses espaços, maior será o vigor da sua participação política na organização e defesa dos seus interesses.” (CASTRO, 2018)

A participação política em torno do tema cultura no município de São Paulo, vem sendo construída e conquistada muito por meio dessas manifestações e participações políticas de indivíduos, e principalmente, coletivos que buscam ampliar as políticas públicas voltadas para a cultura no município, sobretudo, nas periferias da cidade. É através dessas organizações que muitas conquistas nesse âmbito foram alcançadas, como por exemplo, o Programa de Fomento à Cultura de Periferia, que será apresentado a seguir.

### **2.3.2. Políticas públicas de cultura: Uma luta coletiva**

Em 2016 houve uma grande mudança no que diz respeito às políticas públicas voltadas à cultura no município de São Paulo. No dia 20 de julho de 2016 foi instituído o Programa de Fomento à Cultura de Periferia (PFCP), através da Lei 16.496/16, que tem como objetivo apoiar financeiramente coletivos artísticos culturais que atuam há 3 anos ou mais nas periferias de São Paulo. As inscrições

são feitas anualmente via edital, e as propostas de Plano de Trabalho podem durar até 24 meses, com previsão de lançamento dos resultados no mês de junho de cada ano.

Segundo o Edital da 7ª Edição do Programa, o objetivo é garantir *“o apoio financeiro a projetos e ações culturais propostos por coletivos artísticos e culturais em andamento nos distritos ou bolsões com altos índices de vulnerabilidade social, especialmente nas áreas periféricas do Município.”*, através da ampliação do acesso aos meios de produção e fruição dos bens artísticos e culturais pela população, consolidação do direito à cultura como princípio básico da cidadania, diminuição das desigualdades socio-econômica-culturais presente nos distritos periféricos da cidade, fortalecimento e potencialização de práticas artísticas e culturais relevantes, descentralização e democratização do acesso aos recursos públicos, reconhecimento e valorização da pluralidade e singularidade vinculadas às produções culturais e artísticas dos distritos com altos índices de vulnerabilidade social.

No ano de 2022, as inscrições foram abertas no primeiro dia de agosto, e foi disponibilizado um valor total de R\$ 11.900.000,00, sendo que as propostas apresentadas devem ter valor entre R\$ 128.149,18 e R\$ 384.447,55.

O Programa surgiu através da luta do Movimento Cultural das Periferias (MCP) na construção da lei, que hoje é o principal instrumento de fomento ao desenvolvimento local nas periferias. O MCP é uma frente ampla e suprapartidária com organização horizontal, construído por artistas, coletivos culturais, movimentos sociais e cidadãos de territórios periféricos da cidade de São Paulo.

O Movimento entende a cultura além do entretenimento, e tem como princípio a descentralização das verbas e das políticas públicas de cultura, por meio da difusão de conceitos e práticas de participação política entre as classes populares e periféricas. Foi consolidado em 2013, por meio da 1ª Conferência de Cultura Leste que estabeleceu quatro pautas fundamentais para o movimento, que são:

“1- Ocupações de espaços ociosos para torná-los ocupações culturais, atuando diante da ausência do Estado / Município

2- Criação de Lei de Fomento às Periferias e defesa desta política junto ao município. (Lei Municipal nº 16.496/2016)



3- Transferência de gestão das Casas de Cultura do Município das subprefeituras para a Secretaria Municipal de Cultura, acabando com o monopólio de vereadores sobre as verbas e atividades destes espaços

4- Articulação e trocas de experiências de coletividades da cidade toda, criando uma rede forte de combate à desigualdades e retrocessos” (LONGO, 2017)

Um dos movimentos integrantes do MCP, representando a periferia da Zona Leste é o Fórum de Cultura da Zona Leste, movimento que também busca por políticas públicas de cultura que atendam as demandas da produção artístico-cultural presente nas periferias da cidade, valorizando, potencializando e fomentando ações culturais na região.

O Fórum surgiu em 2013, na união de vários coletivos e movimentos da região leste da cidade que já atuavam no território, que passaram a se reunir para levantar pautas e demandas comuns que seriam levadas para a 3ª Conferência Municipal de Cultura, a qual iria definir os planos para a cultura da cidade para os próximos 10 anos, então era de extrema importância uma articulação e um posicionamento dos coletivos culturais periféricos nessa construção. Para isso, foram criados Grupos de Trabalhos, de Formação, de Ações Culturais e de Políticas Públicas, e o último ficou responsável pela criação e organização do 1º Seminário de Políticas Públicas para a Periferia, que aconteceu no Clube da Comunidade Vento Leste, localizado na Cidade Patriarca.

E após três anos de muitas lutas, reuniões e formações, a lei foi aprovada, conforme evidencia Queila Rodrigues, ativista do Fórum:

“E uma coisa que é bem importante de se dizer é que a secretaria não queria fazer a Lei de Fomento a Cultura das Periferias, não via a necessidade porque a gente tinha os VAI's. Então, hoje em dia se existe um discurso, né, das pessoas de que “ah, que legal foi aprovado num sei o quê”, mas foi muito difícil pro movimento convencer de que o Fomento era importante e que era diferente das políticas que existiam. Foi muito difícil, muito difícil mesmo. Então, eu acho até interessante hoje as pessoas falando com carinho do Fomento, algumas pessoas né, algumas concorrendo ao fomento, engraçado tudo mais. Mas eu lembro que na época assim foi bem difícil pra convencer de que era importante viu.” (RODRIGUES, 2020)

Essa entrevista foi realizada com a artista-educadora e ativista Queila Rodrigues, sobre o Fórum de Cultura da Zona Leste (FCZL), realizada ao projeto “[Re]memorar: Trajetórias na Zona Leste”, idealizado pelo SESC Itaquera em parceria com o coletivo de pesquisadores periféricos CPDOC Guaianases (Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Guaianás), que produziram conteúdos que buscam dar visibilidade para as memórias, histórias de luta, resistência e produções de arte e cultura na Zona Leste.

Sobre o Programa VAI (Valorização de Iniciativas Culturais), citado pela artista-educadora, foi criado em 2003 pela Lei nº13.540 e regulamentado pelo Decreto nº43.823/2003, e tem a finalidade de apoiar financeiramente atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município de São Paulo desprovida de recursos e equipamentos culturais.

Entrou em vigor em 2004, e em 2013 se alterou através do projeto de lei nº453/2010 foi aprovado na Câmara Municipal de São Paulo, dando origem à Lei nº15,897/2013, que ampliou e alterou alguns artigos do Programa VAI.

A principal mudança foi a alteração do valor destinado a cada proposta, na primeira versão do Programa eram destinados R\$15.000,00 a cada iniciativa e na segunda versão, com a alteração da lei em 2013, o VAI passou a ter duas modalidades: VAI I: destinada a grupos e coletivos compostos por pessoas físicas, prioritariamente jovens de baixa renda, com idade entre 18 (dezoito) e 29 (vinte e nove) anos, onde eram destinados até R\$30.000,00; e VAI II: destinada a grupos e coletivos compostos por pessoas físicas, jovens ou adultos de baixa renda, que tenham histórico de, no mínimo, 2 (dois) anos de atuação em localidades com as características desprovidas de recursos e equipamentos culturais ou que foram contemplados na modalidade VAI I desde sua instituição, que podem ser destinados até R\$60.000,00.

Queila também foi responsável pela organização de um livro, juntamente à Elaine Mineiro e Mônica Gomes, intitulado “O Fórum de Cultura da Zona Leste: Nem um passo atrás!”. Foi feito durante o projeto do Fórum, e apresenta textos de diversos atores do movimento, moradores da ZL e artistas através de quatro capítulos: “FCZL: Construções e memórias”, “Periferias defendendo o óbvio”, “FCZL em movimento” e “Poesias e composições”.

No texto, “A paz sem voz é medo”, do editor do Jornal Voz da Leste, (importante mídia que fazia circular as ideias do Fórum) Marcel Cabral, conta sobre

como se materializou a luta político-cultural, que se fez através da palavra, dos manifestos, das publicações e dos diálogos. Acerca do trabalho desenvolvido no Fórum, explica:

“Queremos falar, ser escutados e pautar os debates, as discussões políticas, as disputas pelas narrativas e pelas memórias que achamos relevantes. O Fórum é uma memória absolutamente política de uma luta que colheu frutos - A lei de Fomento à Periferia. O Grupo de Trabalho criado para a escrita da lei é um feliz exemplo da construção do amanhã coletivamente.”  
(CABRAL, 2019)

E através destes textos de pessoas que somaram ativamente na luta da periferia pelas pautas fundamentais do movimento que o livro foi construído, além das poesias, composições, fotos e ilustrações gráficas que o compõem página a página de uma maneira muito única e bela por Silvana Martins, que fez o projeto gráfico, diagramação e capa da obra.

Nas páginas finais do livro estão presentes alguns dos manifestos feitos coletivamente, entre eles o *Manifesto Periférico pela Lei de Fomento à Periferia* (Anexo 2), importante documento na luta pela lei, que sintetiza a importância da defesa e criação da Lei capaz de estruturar econômica e poeticamente as coletividades periféricas.

Além disso, traz uma grande contribuição teórica sobre o significado de “periferia”, termo que é convocado no manifesto como um ato político, que visa evidenciar as disparidades sociais, econômicas, culturais e geográficas que foram historicamente impostas às quebradas. Com isso, definem:

“Compreendemos PERIFERIA como espaço urbano geograficamente identificável, abrigo das classes trabalhadoras brasileiras, da maioria da população negra, indígenas urbanos e imigrantes e cujos traços culturais são entoados pela heterogeneidade resultante do encontro (nem sempre pacífico) desta convivência multicultural atravessada pela desigualdade social. Periferia, não por acaso, substantivo feminino no qual se inscreve a história corrente de inúmeras mulheres. Museu sem teto ou paredes, bolsões de expressões ancestrais, tradicionais e experimentações inovadoras, cuja geografia é território, marca identitária e também espaço de exclusão econômica, com excesso de

polícia e ausência de políticas públicas que procurem agir na resolução das consequências de um processo histórico de brutalidades sociais, desigualdades e injusta distribuição de riquezas.” (MANIFESTO PERIFÉRICO PELA LEI DE FOMENTO À PERIFERIA, 2019)

Para além do VAI e do PFCP, há também outro Programa realizado pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura de São Paulo, este voltado especificamente para a experimentação profissional em gestão cultural dos jovens moradores do município, o Programa Jovem Monitor Cultural (PJMC).

O Programa teve início em 2008, e foi regulamentado em 2009 pelo Decreto 51.121/09 que definiu as regras e os procedimentos do programa. Tem foco no desenvolvimento artístico e cultural de jovens de 18 a 29 anos por meio da sua inserção em espaços culturais da cidade, como Casas de Cultura, bibliotecas, teatros, museus, centros culturais, entre outros.

Em 2013 o PJMC passa a contar com a parceria do Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS), e ganha novo caráter e tamanho, conforme site do Programa, a formação é baseada na combinação entre prática e teoria:

“O programa inova ao promover uma formação combinada em que o/as jovens ampliam seu repertório e experimentam, na prática, os diversos aspectos da gestão cultural. Além disso, a formação conta com uma perspectiva teórica sobre questões que envolvem a diversidade das juventudes e das manifestações culturais, cidadã, direito à cidade, questões étnico-raciais e de gênero.” (PROGRAMA JOVEM MONITOR CULTURAL<sup>8</sup>)

Desde seu início, o programa já capacitou e impactou positivamente a vida de milhares de jovens da cidade, entre eles do Ewerton Correia, ex-jovem monitor do Centro Cultural Santo Amaro que deu seu depoimento para o site:

“Na graduação, a gente aprende a fazer peças incríveis, mas não aprende a produzir essas peças. E estar em um equipamento cultural, lidando com produção, foi muito importante para minha formação como artista: como se

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://jovemmonitorcultural.prefeitura.sp.gov.br/quem-somos/>>.

produz e como se vende uma peça, como se articula parceiros, como se pensa no território e como se cria política públicas para isso.”<sup>9</sup>

Para além das políticas públicas voltadas para o setor cultural da cidade de São Paulo, se faz importante também entender as dinâmicas institucionais e políticas da Prefeitura de São Paulo na subprefeitura da Cidade Tiradentes. Para isso, foi analisado o “*Caderno de Propostas dos Planos Regionais das Subprefeituras - Perímetros de Ação*”, que foi elaborado e divulgado em 2016, servindo como material de apoio à revisão participativa dos Planos Regionais.

Neste documento, são listados os perímetros de ação, ou seja, os locais onde foram definidas diretrizes para o ordenamento daquele território, por meio de descrição e caracterização e da definição dos objetivos. Esse conteúdo auxiliou na identificação das realidades locais e estimulou a formulação de propostas para melhorar a qualidade de vida na cidade.

Dentre as diretrizes voltadas para o perímetro<sup>10</sup> em que estão localizados o Terminal e a Casa de Cultura, estão: - O incentivo às atividades comerciais, à prestação de serviços e geração de empregos locais; - Melhoria e qualificação dos espaços públicos através, por exemplo, de melhoria de calçadas e áreas verdes, implantação de mobiliário urbano, a promoção de melhoria na iluminação pública e arborização viária; - Adequação de usos existentes e futuros ao caráter ambiental apresentado pela localidade, objetivando a preservação do Córrego Itaquera e áreas verdes livres; e, - Implantação do Monotrilho Linha 15 do Metrô Vila Prudente / Cidade Tiradentes.

Todo o perímetro da Cidade Tiradentes, juntamente com os distritos de Lajeado e Guaianases, estão compreendidos na Macrozona de Proteção e Recuperação Ambiental, demarcada pelo Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo, logo:

“deve prezar pela manutenção dos serviços ambientais prestados pelos sistemas ambientais existentes, pela proteção da biodiversidade e pela compatibilização de uso do solo urbano com as condicionantes ambientais,

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://jovemmonitorcultural.prefeitura.sp.gov.br/quem-somos/>>.

<sup>10</sup> ID 54 | Córrego Itaquera; ID 55 | Setor G, Setor Ferroviários e arredores; ID 56 | Maravilhas, Córrego Itaquera e arredores; ID 65 | Política de Regularização Fundiária e preservação das cabeceiras.

topográficas e geológicas locais, por exemplo.” (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2016)

Para garantir essa manutenção e proteção, foi instituída para o perímetro citado a Política de Regularização Fundiária e Preservação das Cabeceiras, uma vez que apresenta uma extensa rede hídrica, o que demanda estudos desenvolvidos de forma interdisciplinar a fim de buscar soluções para os problemas das inundações e garantia da restauração do meio ambiente.

Na caracterização dessa política, o perímetro é tratado como um *“território marcado pela precariedade social, urbana e habitacional, com demanda por investimentos e oferta de serviços e equipamentos públicos”* (PREFEITURA DE SÃO PAULO, 2016) e para isso os objetivos definidos para essa área estão voltados para o atendimento da população em situação de vulnerabilidade social, especialmente a população em área de risco, a promoção da recuperação e conservação ambiental, da coleta e destinação dos resíduos sólidos e da regularização fundiária e urbanística e a solução dos problemas de saneamento ambiental.

Para tanto, esse tipo de publicação, construída através de estudos locais, auxilia na construção de políticas públicas efetivas, uma vez que propõem um direcionamento das políticas e obras públicas para as reais necessidades da população que ali reside.

Ademais, a participação social nos processos de revisão e planejamento das políticas públicas de cultura é essencial para assegurar a legitimidade e consistência desses instrumentos, além de um direito assegurado constitucionalmente, mas que precisa ser aprimorado por meio de experiências. (BARROS, 1999)

Do exposto neste item , destacam-se: o desenvolvimento das políticas de cultura do município de São Paulo nos últimos 20 anos, a princípio com o Programa VAI, em 2004, quatro anos após é iniciado o Programa Jovem Monitor Cultural, e em 2016 se institui o Programa de Fomento à Cultura; a importância da participação social e política nos processos de construção destes e outros Programas; e a relevância do direcionamento das políticas baseado nessa participação e em estudos locais.

### **3. Considerações finais**

O tema dessa pesquisa, a princípio, se mostrou interessante do ponto de vista histórico, uma vez que a Casa de Cultura Hip Hop Leste funciona numa antiga Casa de Fazenda do período escravocrata, e também, por conta da sua relação com o Terminal de Ônibus, que divide o mesmo endereço com a Casa. Assim, algumas questões foram levantadas em torno desses pontos: Por que esta casa foi escolhida para ser sede de um equipamento público? Por que não foi utilizada como um anexo ou almoxarifado do próprio Terminal? Quando se tornou um patrimônio da cidade? Por que a Casa foi nomeada pela cultura do Hip Hop em 2016?

Para responder essas perguntas, as pesquisas foram sendo desenvolvidas em torno dos temas de patrimônio, cultura, território e espaço público, além da questão histórica de formação do distrito de Cidade Tiradentes, que fica localizado no extremo leste da Cidade de São Paulo e é caracterizado, principalmente, por seus conjuntos habitacionais, e carrega uma longa história que resultou por ser um território marcado pela precariedade social, urbana e habitacional.

Através das pesquisas, uma análise desfavorável no que diz respeito a qualidade de vida e acesso às oportunidades foi verificada no distrito, que puderam ser constatadas, por exemplo, pelo Mapa da Desigualdade de 2021 que indicou que o distrito de Cidade Tiradentes possui a menor média de idade com que as pessoas morrem, e um alto índice de gravidez na adolescência.

No entanto, nesse território e nos demais distritos da Zona Leste, há um grande e potente movimento voltado para as culturas de periferia, que lutam pelo avanço das políticas públicas voltadas para esse segmento, e por meio da articulação de diversos movimentos e coletivos da Zona Leste que foi criado o Fórum de Cultura da Zona Leste, um importante instrumento na defesa dos espaços públicos culturais e no incentivo à criação da Lei de Fomento às Periferias.

A aprovação da Lei em 2016, foi um grande passo para a ampliação de projetos e ações culturais das periferias de São Paulo, uma vez que os programas instituídos até então, o Programa VAI - Valorização de Iniciativas Culturais em 2004 e o Programa Jovem Monitor Cultural, em 2008, não tinham um recorte voltado para as regiões mais vulneráveis do município, como o Programa de Fomento à Cultura de Periferia.

Através dos relatos da ativista Queila Rodrigues, ficou notória a dificuldade que foi convencer o poder público da importância desse Programa, e como essa articulação e posicionamento dos coletivos culturais das periferias de São Paulo foi de extrema importância para tal conquista.

A forma como esse avanço no âmbito político cultural se entrelaça com os temas que foram sendo desenvolvidos em torno da pesquisa sobre a história da cultura do Hip Hop e sua disseminação no Brasil (a começar por São Paulo), foi se mostrando interessante, e as perguntas colocadas inicialmente passaram a não ser mais o foco do levantamento que estava sendo desenvolvido, e novas perguntas foram surgindo: Quais atributos a cultura do Hip Hop tem em comum com o campo político periférico? Quais aproximações podem ser estabelecidas entre o território de Cidade Tiradentes, a cultura do Hip Hop e o espaço público? Qual a importância do resgate à memória da história da constituição dos bairros periféricos da cidade de São Paulo, como Cidade Tiradentes?

Para responder essas perguntas, novas pesquisas foram realizadas, e no âmbito da resistência, o texto *“Reexistência: complexo matutado nas andanças do hip-hop, batalhas de rap e saraus”*, apresenta discute a proliferação do Hip Hop, como uma espécie de máquina possibilitadora de conexão, gerador de uma coleção de atributos de potência e ação. Além disso, coloca que nesse e nos demais movimentos negros, sempre há uma gramática de luta, através do rompimento de barreiras, politização e destrinchamento de preconceitos enraizados.

O Hip Hop, como uma cultura de rua, naturalmente se apropria dos espaços públicos para manifestar suas experiências por meio da arte, da música, da dança e afins, envolvendo necessariamente ações comunitárias e políticas nesse processo. Logo, são importantes tanto do ponto de vista cultural, como entretenimento e diversão para a população, especialmente os jovens, mas também do ponto de vista político, por meio de suas intervenções, críticas e denúncias, que materializam suas insatisfações.

No artigo *“Cultura negra e o movimento cultural Hip Hop: Memórias, narrativas e resistências”* Wesley Oliveira faz uma análise relacional entre a cultura negra e o universo cultural do movimento Hip Hop no contexto da cidade de Macapá, e conclui que:



“As múltiplas dimensões dos elementos da cultura afroamapaense são incorporadas pelo Hip Hop, que as transformam em poesia, manifestação artística e cultural, assim como instrumento de resistência e crítica social. Atuando, também, como ferramenta educacional em espaços sociais nas quais poucos grupos artísticos e culturais se ocupam de adentrar e propor suas atividades” (OLIVEIRA, 2020)

Tal consideração também converge para o que se observa no contexto paulistano, uma vez que as manifestações artísticas do Hip Hop no Brasil todo são carregadas de memórias e resistência, principalmente através do Rap, que utiliza a oralidade como forma de expressar e relatar a história do seu povo, da memória da população negra e periférica, abordando várias dimensões e códigos culturais, sociais e políticos. (OLIVEIRA, 2020).

E para que essa manifestação artística e política seja ampliada, as políticas públicas voltadas para o incentivo e fortalecimento das práticas artísticas que transgridem as normas e transformam o meio e as pessoas, como o Hip Hop, são de grande importância.

Por fim, este trabalho não teve como objetivo o fechamento da temática, uma vez que várias questões que foram levantadas ao longo do seu desenvolvimento não foram respondidas em sua totalidade. No entanto, traz uma contribuição no sentido de amarrar e explicitar as aproximações entre o território, a cultura do Hip Hop e espaços públicos, utilizando como objeto de estudo a Casa de Hip Hop Leste, equipamento cultural que materialmente simboliza a relação entre esses temas.

#### 4. Bibliografia

BARROS, José. **Participação Social e planos de cultura: três experiências e seus desafios.** Universidade Federal Fluminense. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/38217/23280>>.

CASTRO, Iná. **Espaços públicos como espaços políticos: o que isso quer dizer?** Geografares. 26. 2018. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/geografares/6313>>.

CAZÉ, Clotildes. OLIVEIRA, Adriana. **Hip Hop: cultura, arte e movimento no espaço da sociedade contemporânea.** Faculdade de Comunicação/UFBA. IV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador. Bahia. Brasil. 2008. Disponível em: <[cult.ufba.br/enecult2008/14300.pdf](http://cult.ufba.br/enecult2008/14300.pdf)>.

CAZZOLATO, José Donizete. **Logradouros e Bairros em Cidade Tiradentes.** São Paulo. 2008. Disponível em: <<http://www.donizetegeografo.com.br/assets/pdf/3bLgCTi.pdf>>.

DORNELAS, Luana. **Como foi o surgimento da cultura hip-hop no Brasil.** 2021. Disponível em: <<https://www.redbull.com/br-pt/O-surgimento-da-cultura-hip-hop-no-Brasil>>.

LONGO, Ivan. **Movimento Cultural das Periferias debate “a cidade que queremos” no 1º Seminário Insurgências Periféricas.** Revista Fórum. 2017. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/brasil/2017/3/26/movimento-cultural-das-periferias-debat-e-a-cidade-que-queremos-no-1-seminario-insurgencias-perifericas-19623.html>>.

LOURENÇO, Mariane. **Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos.** 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2010000100014](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000100014)>.

MINEIRO, Elaine. GOMES, Mônica. RODRIGUES, Queila. **Fórum de cultura da Zona Leste - Nenhum passo atrás!** São Paulo. 2019. Disponível em: <[https://issuu.com/vozdaleste/docs/fczi\\_livro](https://issuu.com/vozdaleste/docs/fczi_livro)>.

MONTSHO, Gabriel. LIMA, Karol. **Hip-Hop: a cultura de resistência e o caminho da revolução.** Jornal A Verdade. 2020. Disponível em: <<https://averdade.org.br/2020/02/hip-hop-a-cultura-de-resistencia-e-o-caminho-da-revolucao/>>.

NARCISO, Carla. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Geografia, Lisboa, Portugal. 2009. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/html/v9n2a02.html>>.

OLIVEIRA, Abrahão. **A Cidade Tiradentes: da fazenda Santa Etelvina ao maior conjunto habitacional da América Latina.** São Paulo in Foco. 2021. Disponível em: <[saopauloinfoco.com.br/santa-etelvina/](http://saopauloinfoco.com.br/santa-etelvina/)>.

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO. **Centro Cultural Público: Casa de Cultura Municipal do Hip Hop - Leste.** Sp Cultura. Disponível em: <[www.spcultura.prefeitura.sp.gov.br/espaco/668/](http://www.spcultura.prefeitura.sp.gov.br/espaco/668/)>.

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO. **Cidade Tiradentes: o bairro que mais parece uma cidade.** Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade\\_tiradentes/historico/index.php?p=94](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_tiradentes/historico/index.php?p=94)>.

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO. **Programa Jovem Monitor Cultural.** Cultura. Disponível em: <<https://jovemmonitorcultural.prefeitura.sp.gov.br/quem-somos/>>.

PREFEITURA DA CIDADE DE SÃO PAULO. **Zona Especial de Preservação Cultural - ZEPEC.** Gestão Urbana. Disponível em: <<https://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/zona-especial-de-preservacao-cultural-zep ec/>>.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade 2021 é lançado.** Disponível em: <<https://www.nossasaopaulo.org.br/2021/10/21/mapa-da-desigualdade-2021-e-lancao/>>

REIS, Márcio. SIQUEIRA, Marcimar. **Formação do Bairro Cidade Tiradentes.** Universidade Camilo Castelo Branco. São Paulo. 2014.

SÃO PAULO. Legislação Municipal. **Decreto nº 55.574 de 26 de Setembro de 2014.** Disponível em: <[legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-55547-de-26-de-setembro-de-2014](http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/decreto-55547-de-26-de-setembro-de-2014)>

SÃO PAULO. Legislação Municipal. **Lei nº 13.540 de 23 de Março de 2003.** Disponível em: <[SÃO PAULO. Legislação Municipal. \*\*Lei nº 15.897 de 8 de Novembro de 2013.\*\* Disponível em: <\[SÃO PAULO. Legislação Municipal. \\*\\*Lei nº 11.325 de 29 de Dezembro de 1992.\\*\\* Disponível em: <<http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-11325-de-29-de-dezembro-de-1992>>.\]\(http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-15897-de-08-de-novembro-de-2013#:~:text=Altera%20a%20Lei%20n%C2%BA%2013.540,da%20Secretaria%20Municipal%20de%20Cultura.>.</a></p></div><div data-bbox=\)](http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-13540-de-24-de-marco-de-2003#:~:text=Institui%20o%20Programa%20para%20a,Cultura%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.&text=Nabil%20Bonduki%20%2D%20PT)-,Institui%20o%20Programa%20para%20a%20Valoriza%C3%A7%C3%A3o%20de%20Iniciativas%20Culturais%20%2D%20VAI,Cultura%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.>.</a></p></div><div data-bbox=)

SÃO PAULO (SP). Edital N° 11/2022/SMC/CFOC/SFA - **Programa Municipal de Fomento à Cultura da Periferia - 7ª Edição**. Prefeitura do município de São. 2022. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Edital%207a%20Edicao%20Fomento%20a%20Periferia.pdf>>.

SESC. **Fórum de cultura da Zona Leste**. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/forum-de-cultura-da-zona-leste-de-itaquera/>>.

SUBPREFEITURA CIDADE TIRADENTES. **Histórico - Cidade Tiradentes: o bairro que mais parece uma cidade**. Prefeitura da Cidade de São Paulo. 2022. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade\\_tiradentes/historico/index.php?p=94](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_tiradentes/historico/index.php?p=94)>.

SUBPREFEITURA CIDADE TIRADENTES. **Shopping Cidade Tiradentes**. Prefeitura da Cidade de São Paulo. 2015. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade\\_tiradentes/noticias/?p=57946](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_tiradentes/noticias/?p=57946)>.

SUBPREFEITURA CIDADE TIRADENTES. **Subprefeitura zela pelo bairro e anuncia construção de pólo comercial**. Prefeitura da Cidade de São Paulo. 2018. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade\\_tiradentes/noticias/?p=81465](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_tiradentes/noticias/?p=81465)>.

VICENZO, Giacomo. **Cidade Tiradentes: o que havia antes de surgir a maior Cohab de SP**. Agência Mural, 2010. Disponível em: <<https://www.agenciamural.org.br/cidade-tiradentes-o-que-havia-antes-de-surgir-a-maior-cohab-de-sp/>>.

## 5. Anexos

### Anexo 1

#### **Texto impresso no banner de apresentação fixado à entrada da Casa**

“No século 19 a região era conhecida pelo nome Santa Etelvina. Etelvina era o nome da esposa do coronel Antônio Proost Rodovalho, o conhecido Coronel Rodovalho, morador do Bairro da Penha e amigo de D. Pedro II, que inclusive se hospedava em sua mansão onde hoje fica a ladeira que leva seu nome no bairro da Penha. O coronel era proprietário de uma das primeiras indústrias de farinha de mandioca do Brasil, e de uma fazenda onde havia extração de madeira, e uma linha férrea para um bonde (conhecido como bondinho Etelvina) que ligava o distrito ao bairro vizinho de Guaianases.

A Casa da Fazenda, imóvel construído por Rodovalho há dois séculos está preservada e é a atual Casa de Cultura Hip Hop Leste. Na década de 1970, se iniciou o processo de aquisição de uma gleba de 15km<sup>2</sup> de terras situada na região, que era conhecida como Fazenda Santa Etelvina, a área, composta por Mata Atlântica, eucaliptos, lagos, córregos, nascentes e olarias artesanais familiares, que passou a ser ocupada por conjuntos habitacionais da Cohab (Companhia Habitacional).

A Cidade Tiradentes concentra mais de 40 mil unidades habitacionais, a maioria delas construída na década de 1980 pela Cohab, CDHU e por grandes empreiteiras, que inclusive aproveitaram o último financiamento importante do Banco Nacional da Habitação, antes de seu fechamento.

A Cidade Tiradentes possui uma população estimada em 220 mil habitantes que estão, de certa forma, separados por dois níveis de pobreza: cerca de 160 mil pessoas compõem a chamada “Cidade Formal”; existe também a “Cidade Informal”, formada por favelas e pelos loteamentos habitacionais clandestinos e irregulares, instalados em áreas privadas e que são habitados por cerca de 60 mil pessoas.”

## Anexo 2

### “MANIFESTO PERIFÉRICO

#### PELA LEI DE FOMENTO À PERIFERIA

##### **SALVE PERIFERIAS!**

Pra entender os escritos e as vozes do lado de cá, antes, é preciso entender o que vemos como PERIFERIA.

Compreendemos PERIFERIA como espaço urbano geograficamente identificável, abrigo das classes trabalhadoras brasileiras, da maioria da população negra, indígenas urbanos e imigrantes e cujos traços culturais são entoados pela heterogeneidade resultante do encontro (nem sempre pacífico) desta convivência multicultural atravessada pela desigualdade social. Periferia, não por acaso, substantivo feminino no qual se inscreve a história corrente de inúmeras mulheres. Museu sem teto ou paredes, bolsões de expressões ancestrais, tradicionais e experimentações inovadoras, cuja geografia é território, marca identitária e também espaço de exclusão econômica, com excesso de polícia e ausência de políticas públicas que procurem agir na resolução das consequências de um processo histórico de brutalidades sociais, desigualdades e injusta distribuição de riquezas.

O termo PERIFERIA convocado neste manifesto representa um ato político. Assumi-la como marca identitária significa evidenciar as disparidades sociais, econômicas, geográficas e culturais historicamente impostas, assim como, neste contexto, considerar a desproporção de verbas públicas destinadas à produção cultural das quebradas.

Reconhecer a capacidade de sua população em mediar as contradições por meio da produção cultural e da elaboração cotidiana de mecanismos que garantam a sobrevivência coletiva, é compreender este território periférico como lugar de resistência política. Ainda que as periferias tenham características específicas entre si, a unidade está aí: relacionam-se com a questão urbana em posição de desvantagem política, visto que historicamente os olhos das políticas públicas buscaram privilegiar investimentos nas áreas centrais da cidade, estimulando, mesmo que não intencionalmente, novas lógicas de convivência, sociabilidade e manifestações culturais nos territórios periféricos.

O que buscamos é a reparação histórica, é inverter a lógica do mercado. Fundamentados no ponto de vista de quem vive e produz cultura neste lugar, a periferia, e por entender a tirania do processo de mercantilização que a tudo padroniza e homogeneiza; que busca transformar em mercadoria toda a produção

humana e que, portanto, exerce forte pressão às manifestações culturais nas quebradas para que se transformem em produtos à venda.

Reivindicamos do Estado sua contraparte, assegurando políticas públicas que viabilizem nossas práticas artísticas e culturais não baseadas no lucro e na exploração; que existam mecanismos de fomento onde a gratuidade seja garantida, a auto-sustentabilidade econômica não seja uma meta, a subjetividade das periferias não seja transformada em mercadoria e que as nossas produções não estejam reféns de um gosto universalizado, tampouco nossas particularidades simbólicas sejam catalogadas como moeda de troca.

O governo do Estado, há cerca de duas décadas, é pautado por políticas neoliberais, sem praticamente qualquer política pública voltada para grupos culturais ligados aos movimentos sociais. Na cidade de São Paulo, embora existam políticas mais arejadas e com maior diálogo com os movimentos, ainda há muito por fazer e avançar. Nossa contribuição parte da premissa de que a discussão sobre financiamento direto, garantido em lei, e descentralização de verbas é necessária e se faz urgente.

Defendemos que os estados e municípios parem de despejar milhões de reais, fruto de arrecadações dos cidadãos, para o pagamento de JUROS das dívidas públicas – que representa hoje 13% do orçamento do município de São Paulo[1], em detrimento do investimento de apenas 0,7% de seu orçamento na cultura[2] (situação repetida nas esferas estaduais e também federal). Esta política de irresponsabilidade social engessa todos os governos, independentemente da coloração partidária e desconsidera a maior parte da população, a população periférica, produtora das riquezas com a força de seu trabalho e, ao mesmo tempo, distanciada do usufruto desta produção.

## **FOMENTO PERIFERIA**

Enquanto sujeitos periféricos residentes e atuantes às margens da metrópole, propomos e defendemos a criação de uma LEI de FOMENTO à PERIFERIA, capaz de estruturar econômica e poeticamente as coletividades das quebradas.

**O QUE É O FOMENTO PERIFERIA?** É uma Política pública de investimento direto, estruturada em lei e com dotação orçamentária própria, cuja iniciativa potencialize a capacidade criativa e a articulação dos coletivos artísticos periféricos, levando em conta a sua pluralidade materializada em poéticas diversas.

**A QUE(M) SE DESTINA?** Direcionada à produção cultural periférica, cujo protagonismo é o de coletivos culturais com atividades continuadas.

O QUE APOIA? Fomentará pesquisas, criação, formação, difusão e manutenção das atividades artístico-culturais, assim como manutenção dos espaços públicos ociosos por estes coletivos, ocupados e geridos com garantia de autonomia política e administrativa.

NO QUE DIFERE DE OUTRAS LEIS E EDITAIS? Diferente de outras iniciativas também importantes como o VAI II e Pontos de Cultura, por contemplar não somente sedes “pontos específicos” e por dispor de maior aporte econômico às parcelas contempladas. O Fomento Periferia cobre uma lacuna que inviabiliza os saltos poéticos a que estamos inscritos.

OU SEJA... Uma POLÍTICA PÚBLICA proposta e produzida por agentes culturais periféricos de modo a distanciar-se da lógica mercantilista, do caráter eventual das ações culturais e da competitividade desigual dos editais, considerando a cultura um direito humano, garantindo a descentralização dos recursos e uma produção cultural autônoma, singular e continuada, orientada pelas relações sociais estabelecidas por/entre agentes artístico-culturais e suas comunidades.

**É nós por nós!**

**FÓRUM DE CULTURA DA ZONA LESTE #pelaleidefomentoàperiferia”**